

O SAGRADO NO EGITO ANTIGO

THE SACRED ON ANCIENT EGYPT

Michelle de Kássia Fonseca Barbosa¹

RESUMO: O sagrado sempre esteve presente na história da humanidade gerando espaços, objetos, símbolos, comportamentos, ritos, mitos, arte, entre outros, cada um desses elementos trazendo um conjunto de informação sobre a crença dos povos e sua forma de entender e interpretar as experiências da vida. O Egito, inúmeras vezes tão estudado, por diversas perspectivas e tipos de cientistas, por meio desse artigo que reuni algumas informações sobre crenças e práticas observadas por esse povo e que podem ser resgatadas pela arqueologia e demais estudiosos na área, vem sendo revelado pela perspectiva do sagrado. Destacamos: culto as sepulturas; os objetos que representavam os deuses; o culto a deusa mãe; a crença no deus único; o simbolismo dos atos sociais e construções; os centros religiosos e suas respectivas cosmologias; a crença na ordem cósmica; no princípio de *Ma 'at*; a crença no ciclo da natureza; em como entendiam a divisão dos mundos criados; e finalizamos com o entendimento que tinham sobre as cores, o hieróglifo e o obelisco.

Palavras-chave: Sagrado. Egito. Monismo. Crenças.

ABSTRACT: The sacred has always been present in human history creating spaces, objects, symbols, behaviors, rituals, myths, art - among others - each of these elements bringing a set of information about the beliefs of the people and their way of understanding and interpreting experiences during life. Egypt countless times was studied through diverse perspectives and types of scientists, and in this article I have gathered some information about beliefs and practices observed by these people and that can be redeemed by archeology and other scholars in the field, and has been revealed by the prospect of the sacred. Featuring: worship to the graves, objects representing the gods, worship of mother goddess, the belief in one god, the symbolism of social acts and buildings, religious centers and their cosmologies, belief in cosmic order, the principle of *Ma 'at*, belief in the cycle of nature, as it is understood in the division of created worlds, and finalizing by the understanding they had about the colors and the hieroglyph obelisk.

Key-words: Sacred. Egypt. Monism. Beliefs.

Introdução

No estudo da religiosidade humana conhecer aspectos das crenças do Antigo Egito torna-se indispensável no entendimento do desenvolvimento da religiosidade ocidental. Uma espécie de escola que legou inúmeros elementos de cunho religioso que teria contribuído para a formação de

¹Discente da Licenciatura em Ciências das Religiões – UFPB; Bacharel em Biblioteconomia – UFPB; Especialização em Tecnologias e EAD; Mestre em Ciências das Religiões – UFPB.

outros núcleos religiosos e, ainda hoje, depois de mais de cinco milênios, estão presentes na sociedade ocidental, às vezes em forma de ornamentação – obeliscos em praças públicas, pirâmides, esfinges, uma mulher segurando uma balança – justiça, entre outros, adotados mesmo sem percepção de sua origem.

O objetivo desse artigo é abordar algumas das características que fazem parte da teologia egípcia. A fonte de pesquisa está composta por livros e artigos especializados nessa cultura. Os aspectos são analisados a partir da perspectiva simbólica e assim oferecer informações sobre a concepção de religião praticada no Antigo Egito.

Os símbolos, os mitos, o simbólico, estão servindo como instrumento científico. Filoramo e Prandi (2008, p.205) afirmam que “os comportamentos e sinais, as linguagens e os símbolos são o objeto privilegiado da antropologia religiosa, para a qual a experiência do sagrado interessa não só em suas origens, mas também na sua explicação em mitologias e cosmogonias, crenças e rituais observáveis como experiência humanas”.

As fontes de informação sobre as crenças egípcias são: os textos (das pirâmides, dos sarcófagos, dos templos, em óstracas, em papiros, “Literatura pessimista”, “Textos de sabedoria”, mitos) seja em forma de escrita ou imagem; os templos sobreviventes; as sepulturas e locais de sepultamento; e demais objetos encontrados pelos pesquisadores nos sítios da região, bem como relatos escritos de historiadores da antiguidade tais como Plutarco, Heródoto, Flávio Josefo, Estrabão e outros escritores clássicos.

1 O Egito Antigo

O Egito tem mais de cinco mil anos de história. Civilização africana que se desenvolveu ao redor do rio Nilo, um Oasis. Sua antiga civilização desapareceu há aproximadamente vinte séculos (VERCOUTTER, 1980, p.7). “Não há no Egito a separação entre a civilização da pedra polida e o período histórico”. Esse autor divide sua história em: Séculos obscuros (pré-dinásticos) que vai do neolítico até a III dinastia; Egito clássico (Antigo, Médio e Novo) e Decadência.

Maneto (VERCOUTTER, 1980, p.34; DAVID, 2011, p.38), sacerdote egípcio (323-245 a.C), compilou uma crônica dos reis egípcios entre 3100 e 332 a.C, dividindo sua linhagem em dinastias, agrupa os cerca de cento e noventa reis que governaram o Egito antigo em trinta dinastias. Essas, por sua vez, estão agrupadas em períodos históricos: O Antigo Império (III, IV, V e VI dinastias); o Médio Império (XI e XII); o Novo Império (XVIII, XIX e XX dinastias); Período Superior ou decadência (XXI até a conquista grega com Alexandre, o grande), além dos períodos intermediários.

Segundo o escritor egípcio Maneto, a unificação acabou com um período de regência de uma linhagem de deuses, sucedido por vários semideuses (conhecidos como Seguidores de Hórus). É provável que os Seguidores de Hórus tenham sido os regentes dos reinos pré-dinásticos, cujas capitais estavam localizadas em Buto e em hieracômpolis. (DAVID, 2011, p.63)

A tradição prescreve que a unificação do país e a fundação do Estado foi desenvolvida por Menés. Vindo do sul ele funda sua capital Mênfis, onde celebra pela primeira vez o rito de coroação. O efeito simbólico estaria representando uma cosmologia – o faraó como Deus encarnado fundando um novo mundo. Antes desse soberano, estudiosos defendem que o povo vivia em inúmeras comunidades espalhadas no Delta e ao longo do Nilo e identificaram indícios de um governante denominado rei Escorpião.

Não é possível datar as origens da civilização egípcia. De acordo com textos das pirâmides da V e VI dinastias (VERCOUTTER, 1980, p.50), de 5.000-3300 – período neolítico havia no Egito dois centros culturais, um no norte e outro no sul. Segundo o autor a história escrita do Egito, começa por volta de 3.000 a.C. Nesta época os egípcios já possuíam uma longa experiência humana: território demarcado, elementos da religião constituídos, língua e escrita firmados, instituições essenciais estabelecidos, os sacerdotes salmodiam frases que seus mais distantes ancestrais transmitiam oralmente antes de existir a escrita.

Os antigos egípcios eram importantes cientistas da época: praticavam a astronomia; a medicina, conheciam o funcionamento fisiológico do corpo humano, as técnicas de embalsamamento e mumificação; conheciam o número π e o sistema decimal. Desde épocas remotas o Egito já apresentava alto nível de conhecimento e desenvolvimento cultural.

Os antigos egípcios deixaram um rico legado, o qual, além de monumentos bem-preservedos, artefatos e restos humanos, inclui uma extensa literatura religiosa e secular. Todas essas fontes nos possibilitam compreender e interpretar idéias e conceitos que, em alguns casos, se originaram há 5000 anos. (DAVID, 2011, p.40)

A egiptologia – estudo do Egito – é uma ciência nova. Como disciplina acadêmica tem cerca de duzentos anos quando escavações revelaram vários sítios (DAVID, 2011, p.40). O conhecimento da língua egípcia, perdido no período greco-romano, não tem mais que um século (VERCOUTTER, p.10). Tem sido objeto de estudo desde o século XIX. Novas revelações surgem todos os anos e a exploração ainda está no começo. Os pioneiros da egiptologia são: Jean-François Champollion (lingüista e pai da egiptologia, 1790-1832); Maspero; Wallis Bugde (diretor do museu britânico), entre outros.

Diante de tanta riqueza cultural o Egito é cada vez mais procurado como fonte de pesquisa. Tendo a religião sido muito importante para esse povo, inúmeros estudos sobre esse aspecto estão

sendo realizados tendo nos mitos a porta de entrada. A mitologia é composta por inúmeras histórias e seu estudo trás valiosas informações.

2 Aspectos da religiosidade e crenças na época pré-dinástica

De acordo com David (2011, p.24) a primeira evidencia da religião ocorreu entre as comunidades neolíticas (5000 a.C - 4000 a.C), pois no paleolítico (antes de 5000 a.C) não se pode tirar conclusões sobre sua organização ou crenças religiosas e costumes. A falta de material escrito traz problemas para a interpretação desse período.

Do período pré-dinástico os estudiosos identificaram anecrópolis de Badari, situada um pouco fora da povoação. As covas assim como as cabanas, são ovais e nelas os mortos são estendidos em posição embrionária, tendo vasos de oferendas dispostos a sua volta. (VERCOUTTER, 1980, p.46). Foram encontradas estatuetas de mulheres nuas feitas de marfim ou argila em túmulos. No fim do quinto milênio as habitações tornaram-se retangulares e as sepulturas também indícios de que elas são concebidas como moradas.

Antes da unificação, foram identificados cultos a deusas: a deusa-serpente *Wadjet*, em Buto-norte (Terra Vermelha) e a deusa-abutre *Nekhbet*, em Nekhbet-sul (Terra Branca) (DAVID, 2011, p.74). Destacamos a serpente como o ser vivo que dá origem a uma grande quantidade de prole – símbolo de fertilidade – e o abutre como sendo um animal que transforma um alimento apodrecido em algo que gera a vida em si e em seus filhotes – símbolo de transformação e vida.

Os centros sagrados e locais de culto da época pré-dinástica teriam sido construídos com material perecível, por isso há pouca informação sobre os ritos. Desenhos em cerâmica – “Louça Decorada”- retratam barcos carregando altares de divindades, isso nos dá a informação da antiguidade do ritual da procissão, por exemplo.

No final do período neolítico é freqüentemente nas tabuletas, amuletos ou rabiscos em pedras a presença de animais como um falcão (*Hórus*), hipopótamo, Bucrânio (*Hator*), cachorro (*Anúbis*), jacaré (*Sobek*), serpentes, leão, símbolos como esses, tornam base para que alguns defendam a teoria de que o Egito teve uma fase totemista. Segundo Gralha (p.12) os indícios dos primeiros cultos e templos datam do quarto milênio a.C. Ele destaca ainda que todos os seguimentos sociais praticavam religião.

David (2011, p. 69) apresenta a teoria da “Raça Dinástica” (cerca de 3400 a.C) cujo argumento defendido prescreve que um grupo de pessoas de outra região – Mesopotâmia, Síria, Irã ou localidade ainda não descoberta, onde alguns como Platão, inclui Atlântida, no livro *Crítias e Timeu* -, teria levado para a terra do Nilo, no meio das tribos nativas existente, novas idéias e

tecnologia avançada. Isso justificaria o salto tão repentino no desenvolvimento do país que estava imerso no neolítico e de repente, em tão pouco tempo, é capaz de erguer edifícios com sofisticado conhecimento de cálculos.

3 O simbólico presente nas suas produções culturais

Neste período começa as grandes e importantes construções. Djoser, primeiro rei da III dinastia, fez construir a pirâmide de Saqqara. Época de Imhotep (seu primeiro ministro; considerado filho do deus *Ptha*). Época da construção de inúmeros templos ao deus sol (na V dinastia) e da de grandes pirâmides (VERCOUTTER, p.60). Período marcado por prosperidade, considerado até o apogeu do império faraônico.

No fim período clássico - época intermediária - ocorreu uma revolução social que levou a decadência do poder central e real. A perda de prestígio do rei é entendida como consequência ao desaparecimento do caráter sagrado de sua pessoa (VERCOUTTER, p.62). O Egito evoluía para uma teocracia, até os sacerdotes de Amon se tornarem os verdadeiros senhores do país. Nesta época prevaleceu os sacerdotes de Amon.

Todas essas construções, comportamentos sociais estabelecidos, produções artísticas ou eventos teriam uma dupla significação: são administrativas e ao mesmo tempo religião. O sagrado não se distingue do civil (VERCOUTTER, 1980, p.54). A unificação do país, por exemplo, é contada como história sagrada (mitos). O simbólico estaria sempre presente.

A mitologia egípcia informa sobre um conjunto de crenças e costumes. Toda informação está nos textos sagrados, na sua arte sacra, na arquitetura dos templos e nas tumbas. “Muitas obras de arte foram desenhadas para serem “lidas” simbolicamente e proporcionar assim uma mensagem oculta. As cores, os materiais, os números e especialmente, as formas dos hieróglifos formavam parte de uma linguagem simbólica” (WILKINSON, 2004, p.13).

Os egípcios decoraram suas casas, templos, e tumbas com obras artísticas, que iam desde estátuas colossais a minúsculos e delicados utensílios cotidianos, jóias e amuletos. Não se tratava de simples ornamentos, pois a função de sua arte estava extremamente relacionada com as crenças religiosas dos egípcios. [...] Os egípcios buscavam representar muitas de suas crenças religiosas e idéias sobre a natureza do cosmo através de símbolos. Utilizaram objetos simbólicos e pinturas para destacar o transcendental e o inatingível. Em algumas ocasiões estes símbolos podiam se referir a criação e a origem da vida sobre a terra, e em outras, sua propagação e continuação. Os símbolos também foram utilizados para a proteção individual, nesta vida e na pós-morte. (WILKINSON, 2004, p.17)

Nos templos se concentravam o conhecimento. De acordo com Araújo (2011, p.3), desde a antiguidade, a arquitetura é usada como uma macro linguagem. Os principais edifícios egípcios

foram:Templo de Osíris – Abidus – Reencarnação/iluminação; Templo de KomOmbo – Dualidade; Templo de Luxor – Tebas – O corpo do homem; Templo de Hator – Dendera – A gestação; Templo de Ísis – Philae – O princípio feminino e Gênero; Templo de Karnak – Tebas – Evolução da consciência. A distribuição dos cômodos e demais elementos presentes forneciam uma série de informações. Todo o complexo seria como uma espécie de texto em 3D.

Os edifícios religiosos (pirâmides, tumbas e templos) eram construídos primordialmente com pedra porque a intenção era que durassem “pela eternidade”(DAVID, 2011, p.42). As demais construções eram feitas de materiais mais perecíveis, pois podiam ser substituídos.

A revelação era passada pelos mitos e seus personagens e a vida era entendida como um processo de aperfeiçoamento que necessitava de inúmeras informações que guiaria sua vida presente e futura. A imagem representava uma força que moldava o caráter e inspirava a agir de uma maneira específica.

Não havia a palavra religião, nem separação entre sagrado e profano – tudo era sagrado. A palavra religião vem de religar e os egípcios não precisavam se re-ligar a nada, pois já estavam sempre conectados com o Ser Supremo em tudo que faziam. Esta forma de pensar o mundo teria gerado duas formas principais de culto: uma oficial e uma popular. Os dois se encontravam nos grandes festivais e procissões que aconteciam ao longo do ano egípcio. O clero procurou organizar ou eternizar as crenças oficiais – do faraó, sacerdotes e família por meio da escrita. Sua literatura é um produto de cerca de 4.000 anos. Escrito em três tipos: hieroglífica, hierática e demótica.

4 Monismo como crença primordial

Os textos dos sacerdotes demonstram que nas primeiras dinastias a crença oficial prescrevia o monismo. Derivado da palavra grega *monis*, define que algo uno deu/dá origem a multiplicadores (Uno-Versus). Palavra utilizada também por filósofos, profissionais do direito, biólogos, entre outros. Este Uno foi entendido pelos egípcios como a fonte primordial do universo e tudo que há nele, sendo, portanto, único criador, imortal, eterno, onisciente. Tudo o que há no Universo seria manifestação deste Ser Supremo – Absoluto.

Os mais antigos textos das pirâmides de Saqqara falam do conceito de Deus absoluto, inominável que se desdobrou em atributos e que recebeu diversos nomes. Plotino ensinava que a primeira substância criava a segunda, dando origem assim a dualidade e em seguida a terceira substância – a multiplicidade.

Isis, Osíris, Amon, [...] se converteram em símbolos destes atributos/qualidades/forças/energias/funções. Os símbolos pictóricos foram

utilizados para representar idéias abstratas e não para serem consideradas personagens reais, “uma imagem vale mais que mil palavras”. (GADALLA, 2003, p.19)

Nada está fora do Uno mesmo que esteja em estados diferentes (sólido, líquido, gasoso). Inicialmente este Deus não era representado, pois não dava para limitá-lo. Para conhecê-lo somente através de suas qualidades e aspectos (*neterus*). Quando o monismo foi esquecido, cada atributo tornou-se um deus.

Os antigos egípcios criam em um único deus, que havia criado a si mesmo, que existia por si mesmo, que era imortal, invisível, eterno, oniscientes. Esse único deus era representado por funções e atributos. Estes atributos eram chamados de *neteru* (net-er-u; masculino singular era *netere* no feminino *netert*). Deus só poderia ser conhecido por seus atributos/qualidades/poderes/ações. Conhecer deus significa conhecer suas numerosas qualidades. (GADALLA, 2003b, p.23)

Muitos textos foram encontrados na pirâmide de Saqqara. São considerados os mais antigos e provas de que naquela época o Egito era monista – o Absoluto que se desdobra em muitos atributos para criar o Universo. Cada um destes atributos/força/lei recebeu um nome e símbolo. A pirâmide de Saqqara foi construída na III dinastia (VERCOUTTER, 1980, p.57).

Hornung concluiu que cada deus podia ter várias formas que refletiam aspectos diferentes de sua natureza e seus vários atributos e funções [...] deus habitaria uma gama de imagens em épocas diferentes [...] As representações visuais (ou, na verdade, as descrições literárias) não representam ou descrevem a aparência completa do deus, mas aludem a aspectos diferentes de sua natureza e funções. [...] A deidade em geral usava vários nomes para expressar facetas diferentes de sua personalidade ou para enfatizar poderes especiais [...] As imagens terrenas e os animais sagrados que agiam como manifestações do deus serviam para torná-lo mais acessível ao crente. (DAVID, 2011, p.82;86)

Os “Textos das Pirâmides” são um conjunto de registros de encantamentos, crenças, cosmologias e suplicas gravadas nos corredores que conduzem a câmara e antecâmaras das pirâmides do império Antigo. David (2011, p.136) acredita que as tradições pré-dinásticas foram provavelmente passadas oralmente e depois escritas em óstraco e papiro antes de serem finalmente incluídas nos Textos das Pirâmides.

5 Os centros religiosos

As mudanças dinásticas provocavam mudanças das capitais. Segundo Eliade (1983, p.112), tais acontecimentos obrigavam os teólogos da nova capital a integrar diversas tradições. Os principais Centros religiosos foram em: Mênfis, Heliópolis, Hermópolis, Tebas. Cada santuário era considerado do Centro do Mundo, ou seja, o lugar onde havia começado a criação e possuía sua

história sagrada - mitologia. Diante do culto popular, os sacerdotes tentaram organizar teologias oficiais e registraram em textos como os das pirâmides.

O conhecimento cosmológico do Antigo Egito foi expresso no formato de uma história, que seria considerado um meio superior de expressar tanto os conceitos físicos quanto metafísico. As sagas egípcias transformaram substantivos e adjetivos factuais comuns em substantivos conceituais apropriados, e personificados para que pudessem ser combinados em narrativas. [...] As bem elaboradas histórias de mistério egípcias são um meio intencionalmente escolhido de transmitir conhecimento. O significado não está ligado a uma interpretação literal. (GADALLA, 2003b, p.24)

Existem vários mitos cosmológicos e mitos das origens – do homem, da realeza, das instituições sociais, de instrumentos, dos rituais, entre outros. As etapas da criação são apresentadas de maneira diferente em cada centro religioso.

Teologia de Mênfis (paredes brancas) – 3100 a.C: como sendo o primeiro centro religioso a sua história sagrada sobre a origem do mundo – cosmogonia – é a mais antiga. O objetivo desse mito era informar que a criação do universo foi efetuada pelo poder criador do pensamento e das palavras de um deus único (ELIADE, 1983, p.114). Esse Deus único foi denominado *Pthaque* cria com seu espírito (coração) e o verbo (língua) o primeiro casal, *Shue Tefnut*; a partir destes, novos casais são criados.

Teologia de Heliópolis: É o que fornece o mito mais importante. Denominada *Wn, Annu* ou *Iunnu* pelos egípcios, foi acidade de José do Egito. Esse personagem bíblico teria se casado com a filha de um sacerdote desse centro. Sede do culto solar. É o local da colina primordial (ELIADE, 1983, p.112). *Atum* é a origem ou essência dos deuses e dos homens, dele origina-se o casal primordial, *Shu e Tefnut*, a partir desses, novos casais são criados. A grande Eneada é formada por um grupo de nove *neteru* (deuses/deusas): *Atum; Shu e Tefnut; Nut e Geb; Isis, Osiris, Set e Neftis*). *Atum* representa a primeira realização da existência, ele surge de *Nun* – águas primordiais – e teria características bissexuais de acordo com David (2011, p.123), ou seja, possuía os princípios masculinos e femininos.

Teologia de Hermópolis: Local do lago primordial onde emergiu o Lótus trazendo a semente da criação – criança, pássaro, luz. Seguiam a teoria da Ogdóade – oito deuses iniciais, sendo quatro casais, que se juntaram a *Ptha: Nun e Naunet* (águas primordiais), *Huh e Hauhet* (eternidade), *Kuk e Kauket* (escuridão) e *Amon e Amaunet* (ar). Eles reinaram sobre a terra até que morreram e continuaram a existência no outro mundo, onde asseguraram que o Nilo fluísse e o sol nascesse, para que a vida pudesse continuar a florescer na terra (DAVID, 2011, p.127).

Teologia de Tebas: Colocou o deus Amon no centro da criação, no Novo Império. Ele é o princípio e a causa final da criação. *Atum, Amon e Ptha* seriam a mesma fonte primordial da vida no universo e da ordem, porém, com nomes diferentes.

Quando uma comunidade conquistava ou absorvia seus vizinhos, o deus vitorioso assumia algum traço ou característica significativa da deidade do grupo subordinado. Algumas vezes, o deus conquistado provavelmente se tornava um assistente ou seguidor na mitologia da deidade oponente ou, em algumas ocasiões desaparecia totalmente. (DAVID, 2011, p. 79)

6 Aspectos da religiosidade e crenças na época dinástica

A fonte principal para esses mitos são os Textos das Pirâmides. David (2011, p.36) destaca que as crenças e conceitos egípcios desenvolvidos nos primeiros períodos históricos, permaneceram iguais a maior parte da história do Egito. Esse conceito propunha que toda existência derivou de uma única fonte original e que a ocasião da criação transformara a unidade do deus criador em múltiplas formas de vida em todo o mundo. Antes da criação, houve um estado de não existência – escuridão, águas ilimitadas. A partir daí, emergiu um criador que estabeleceu o universo.

Seguiam uma teologia que consideravam a ordem cósmica como obra essencialmente divina. Onde eles se esforçavam por manter, por meio dos ritos, aquilo que foi estabelecido no início, na primeira criação. Isso aconteceu porque consideravam a perfeição sob o ponto de vista cosmológico, religioso, social, ético. Eliade (1983, p.111) nos informa ainda que segundo eles, tudo aquilo que existe – fenômenos naturais, plantas, calendário, escrita, rituais, etc – foram criados no tempo inicial – o tempo de *Ra*. São os modelos que devem ser imitados.

Para eles tudo o que existia estava interligado, (a religião, a cultura, a filosofia, etc.) num conceito de ordem que era personificado por uma deusa, chamada *Maat*. A ética era parte da ordem/ medida/ equilíbrio e todos deveriam segui-la. O princípio de *Ma'at* – ordem e equilíbrio – era o que mantinha a vida e a consciência. Modificar algo traria o risco de retorno ao Caos, das forças demoníacas, da raiva, da luta, do barulho, da desordem. A ordem cósmica – “Uniformidade Eterna” (DAVID, 2011, p.121) - se revelaria por meio de padrões universais e imutáveis.

A excelente condição dos egípcios era atribuída à aplicação da realidade metafísica à sua vida diária, “De todas as nações do mundo, os egípcios são os mais felizes, os mais saudáveis e os mais religiosos”, historiador grego Heródoto (500 a.C). As cenas de atividades diárias encontradas nas tumbas egípcias mostram uma correlação forte e perpetua entre a terra e o céu. Atividades sempre na presença dos *neteru* e com seu auxílio. “Todas as ações, não importa o quão mundanas, de alguma forma correspondiam a um ato cósmico [...] todas eram vistas como símbolos terrenos das atividades divinas.” [...] Para os egípcios não haveria diferenças palpáveis entre o sagrado e o mundano. (GADALLA, 2003b, p.22)

Um desses padrões seria o aspecto cíclico da natureza, nascimento-morte-renascimento, e seus ritmos observados na passagem do sol, nas fases da lua, no decorrer das estações, no movimento dos astros, no comportamento do Nilo, no ritmo da vegetação, no aparecimento e desaparecimento da estrela Vênus. A mudança com ordem. Esse ciclo fazia a manutenção da vida na terra, constituía a perfeição e inspirou na fundamentação da crença de que a existência humana seguia, mesmo que inconscientemente, este mesmo padrão – nascimento, morte, continuação da existência por meio de outros nascimentos e mortes. Osíris é o símbolo deste pensamento.

As descobertas arqueológicas do Egito dão a impressão de que a crença em uma existência que continua após a morte era universal [...] alguns textos indicam que, em épocas de sublevações e colapsos sociais, algumas pessoas questionavam esta certeza [...] afirmando que ninguém realmente retornou do reino dos mortos para confirmar a realidade da sobrevivência. (DAVID, 2011, p.48)

Para os egípcios uma pessoa promoveria em toda sua existência uma viagem através de três mundos: Mundo superior – *Nut* – permanência/morada/descanso; Mundo Intermediário – *Dwat* – descanso/reflexão/purgatório; Mundo inferior – *Ta* (terra)/aprendizado/trabalho.

A morada primordial da pessoa é *Nut*, entretanto ela precisa adquirir experiências no reino de *Ta*, espécie de escola. Uma vez lá depois de adquirido conhecimentos necessários o homem viaja de *Ta* para o *Dwat*, onde é feita uma avaliação dos resultados de seus atos, e depois retorna a *Nut* (existia mais de um céu). Após diversas viagens de aprendizados ao reino de *Ta*, ao completar os estudos, o homem não precisaria mais voltar, então viveria eternamente no Jardim dos juncos, *Earu*, morada permanente e de paz.

Para educar sobre esta jornada foi produzido o “Livro dos Mortos” que revela sobre os mistérios da vida, os mistérios da morte, e que há continuidade da vida depois da morte.

As cores também informavam sobre conceitos e idéias: a cor preta representava a vida e o renascimento, “Terra Negra” (*Kemet* em egípcio) era o nome original desse país que conhecemos como Egito, uma referência a cor escura do lodo trazido pela inundação do Nilo; a cor vermelha representava o perigo e a morte, “Terra vermelha” (*Deshret* em egípcio) era o nome do deserto, local de terror e morte, onde os animais selvagens e tribos de saqueadores ameaçavam (DAVID, 2011, p.34).

Os egípcios também tinham a crença no poder ou magia dos escritos – hieróglifos. Segundo David (2011, p.52), acreditava-se que estas marcas desenhadas pudessem ser utilizadas para tornar reais conceitos ou eventos, por meio da magia. O propósito da escrita não era decorativo, pois textos eram produzidos em locais que não seriam visíveis como dentro das tumbas. O autor conclui que o ato da escrita teria uma função espiritual.

Outro símbolo que informa sobre aspectos da religião egípcia é o obelisco, tão presente em diversas praças pelo mundo. Denominado pelos antigos egípcios como *Theken*, significava “raios de sol”. São colunas de pedra e o mais antigo tem cerca de 4.000 anos. Geralmente de granito os primeiros obeliscos foram erguidos em Heliópolis. Labib Habachi estudou este objeto sagrado e define sua função como um suporte de memória consagrado ao deus sol (SARAIVA, 2007). Muitas vezes os egípcios consideravam o obelisco com o próprio deus solar, para o qual deviam encaminhar oferendas.

Conclusão

O ato de escrever permite a sobrevivência da informação. Uma informação perdida seria considerada pelos egípcios como uma segunda morte – a do esquecimento. Para maximizar a disseminação de informação foi utilizado o recurso das ilustrações, que podiam ser lidas por aqueles que não sabiam ler palavras. Os textos trazem até nós o conhecimento sobre a religião praticada pelos egípcios, mas os demais objetos, sítios e edifícios desse povo também nos fornecem ricas informações.

Observamos que as crenças e aspectos do sagrado no Egito aproxima-se de sua vida nas areias do deserto, tendo como sol (ao dia) e o céu estrelado (a noite) sempre presente, sem esquecermos do ritmo agrário trazido pelo rio Nilo bem como as características da fauna e flora nativa.

Destacou-se indícios das práticas e crenças no período pré-dinástico tais como o culto as sepulturas, objetos que representavam os deuses e o culto a deusa mãe. No período dinástico destacamos: a crença no deus único, criador do universo ordenado, de onde gerou a multiplicidade dos seres; que os atos sociais e construções atuavam como representantes simbólicos; os centros religiosos e suas respectivas cosmologias; a crença na ordem cósmica e no princípio de *Ma'at*, bem como a crença no ciclo da natureza - nascimento-morte-renascimento – e como entendiam a divisão dos mundos criados; finalizamos com o entendimento que tinham sobre as cores, o hieróglifo e o obelisco.

Longe de pretender abarcar todo o universo que é a religião dos antigos egípcios e seus inúmeros aspectos, destacamos, conforme o objetivo do artigo, apenas algumas das características que fazem parte da teologia egípcia.

Referências

ARAÚJO, Cristiane Ribeiro de Mello. **Arquitetura religiosa**. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes_-_artigos/araujo.pdf>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

DAVID, Rosalie. **Religião e magia no Antigo Egito**. Tradução de Ângela Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2008.

GADALLA, Moustafa. **Divindades egípcias: Todos são el único**. 2003a. Disponível em: <<http://www.egypt-tehuti.org/>>. Acesso em: 17 de fev de 2013.

_____. **Cosmologia egípcia: o universo animado**. Tradução de Fernanda Rossi. São Paulo: Madras Editora LTDA, 2003b.

GRALHA, Julio. **Egípcios**. Disponível em: <cpantiguidade.files.wordpress.com/2009/07/mitos.ppt>. Acesso em: 17 de fev de 2013.

MIELE, Neide. **Mitologia do Egito**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

SANTOS, Moacir Elias. **Hieróglifos: entre o simbólico e o mágico**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível na internet.

SARAIVA, Maria Raquel de Brito. **Pinduricalhos de memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil – século XIX, XX e XXI**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2007-09-25T190611Z-848/Publico/393392.pdf>. Acesso em: 10 de fev de 2013.

VERCOUTTER, Jean. **O Egito Antigo**. Tradução de Francisco G. Veidemann. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, Difusão editorial, 1980.